



PROJETO GUAPIAÇU

2022 a 2025

Restauração florestal, monitoramento de espécies e educação para crianças e jovens

REALIZAÇÃO



PARCERIA



PROJETO GUAPIAÇU IV

SUMÁRIO





AÇÃO em busca da justiça ambiental e do desenvolvimento sustentável





O Ação Socioambiental nasceu do sonho coletivo de integrar as pessoas à natureza, promovendo ações que fortalecem a relação entre sociedade e meio ambiente de forma responsável, técnica e inspiradora. Desde sua fundação, tenho a honra de liderar essa trajetória como idealizadora e presidente, reunindo profissionais comprometidos com a restauração ecológica, a justiça ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Atuamos com foco na porção leste da Baía de Guanabara, especialmente nos municípios de Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Magé, Itaboraí e Maricá. Uma região de extrema importância ecológica e estratégica para a segurança hídrica de mais de 2,5 milhões de pessoas. Nosso trabalho envolve restauração ecológica, educação ambiental, monitoramento da biodiversidade e dos recursos hídricos e fortalecimento de políticas públicas, sempre baseado em evidências técnicas, planejamento rigoroso e engajamento comunitário.

Nossos projetos – como o Guapiaçu, Ação Macacu, ANTologia, Dandaras e Roteiros – integram conservação da biodiversidade, valorização dos territórios, promoção da equidade e inclusão social. Atuamos com uma equipe multidisciplinar formada por engenheiros florestais, educadores ambientais, gestores, comunicadores e especialistas em conservação.

Acreditamos no poder da cooperação e da mobilização social. Por isso, o Ação Socioambiental investe continuamente em parcerias com comunidades locais, instituições de pesquisa, órgãos públicos e o setor privado. Valorizamos a transparência, o cuidado com as pessoas e o compromisso com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que orientam cada passo da nossa atuação.

Como fundadora e presidente do Ação Socioambiental, reafirmo que seguimos profundamente comprometidos com a missão de promover um meio ambiente saudável, resiliente e justo para todos. Cada árvore plantada, cada criança sensibilizada, cada espécie protegida representa um passo concreto em direção a um futuro melhor. Um futuro que se constrói agora, com coragem, ciência, afeto e ação.

Gabriela Viana

Presidente do Ação Socioambiental

Coordenadora executiva do Projeto Guapiaçu

*Em mais de uma década de atuação,
o Ação Socioambiental alcançou
resultados expressivos*

Mais de **300 hectares** de áreas restauradas e monitoradas.

Cerca de **70 mil pessoas diretamente envolvidas** em atividades de educação ambiental, sensibilização e mobilização social.

Mais de **meio milhão de mudas plantadas**, contribuindo para a reconexão de fragmentos florestais e a recuperação de ecossistemas.

Criação de um banco de áreas com **346,19 hectares disponíveis para restauração**, por meio de parcerias com proprietários rurais.

Desenvolvimento de tecnologias sociais e **metodologias próprias de educação ambiental e restauração participativa**.

Apoio à **regularização ambiental de 61 imóveis rurais**, beneficiando agricultores familiares e pequenos proprietários.



2 Restaurando a floresta, cuidando da biodiversidade e promovendo educação ambiental





O Projeto Guapiaçu IV, realizado pelo Instituto de Ação Socioambiental em parceria com a Petrobras, teve como objetivo promover melhorias socioambientais na região da Baía de Guanabara e seu entorno, integrando ações tanto em áreas naturais quanto em comunidades locais. Suas principais frentes de atuação foram a restauração ecológica, a educação ambiental, o monitoramento da biodiversidade, o apoio à reintrodução de fauna nativa e o fortalecimento da REDAGUA – Rede de Conservação Águas da Guanabara.

A área de abrangência incluiu os municípios de Cachoeiras de Macacu, Itaboraí, Guapimirim, Magé e Maricá, situados na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Essa região concentra bacias hidrográficas estratégicas para o abastecimento de milhões de pessoas e tem enfrentado intensas transformações nos últimos anos. Entre elas, destaca-se a sub-bacia do rio Guapi-Macacu, notável pela alta disponibilidade hídrica em quantidade e qualidade.

Ao longo de sua execução, o projeto promoveu a restauração da floresta ombrófila densa em áreas de parceiros rurais em Cachoeiras de Macacu. Para expandir essa frente, foi feita a mobilização de proprietários interessados em integrar o banco de áreas disponíveis para restauração, ampliando significativamente o potencial de reflorestamento da região.

No eixo de educação ambiental, foi desenvolvido o Programa Integrado de Educação Ambiental, com atividades adaptadas a diferentes faixas etárias. Para crianças pequenas, foram criadas ações lúdicas específicas; estudantes do Ensino Fundamental participaram de trilhas interpretativas em Unidades de Conservação, com base na metodologia *Sharing Nature*, que estimula a conexão emocional com a natureza; e alunos do Ensino Médio foram envolvidos no Programa

de Monitoramento dos Recursos Hídricos, com participação direta de jovens dos municípios parceiros em articulação com os institutos federais fluminenses. Essa abordagem buscou a formação de cidadãos mais responsáveis e comprometidos com a conservação ambiental.

O Programa de Monitoramento da Biodiversidade, conduzido pelo projeto em parceria com as ONGs Refauna e Caminho da Mata Atlânti-

*O objetivo é promover
melhorias socioambientais na região da
Baía de Guanabara e seu entorno,
integrando ações tanto em
áreas naturais quanto em
comunidades locais*

ca, apoiou a reintrodução e o acompanhamento de antas (*Tapirus terrestris*), além do monitoramento de espécies indicadoras como pacas (*Cuniculus paca*), onças-pardas (*Puma concolor*) e macacos muriqui-do-sul (*Brachyteles arachnoides*). Também foi realizada uma pesquisa sobre a percepção da refaunação nas comunidades envolvidas. Essas ações contribuíram para avaliar a qualidade ambiental e restabelecer funções ecológicas em áreas restauradas ou em recuperação.

Na frente de restauração de ecossistemas costeiros, o projeto atuou na recuperação de áreas de manguezal na APA Estrela, em Magé, e realizou a Operação LimpaOca. Ambas as ações contaram com a parceria da ONG Guardiões do Mar e da ACAMM – Associação de Caranguejeiros e Amigos dos Mangues de Magé.

Por fim, fortaleceu a REDAGUA, rede formada pelos projetos Aruanã, Coral Vivo, Cavalos Marinhos, Guapiaçu, Meros do Brasil e Uça – todos parceiros da Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental. Entre as ações de fortalecimento da rede estiveram a criação de um jogo educativo sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a realização de workshops de planejamento participativo integrado, fomentando a governança colaborativa, a produção de conhecimento, a comunicação compartilhada e a educação ambiental em rede.





3 Programa de restauração de ecossistemas ou de paisagens



A Floresta Ombrófila Densa, característica da Mata Atlântica, é um ecossistema de altíssima biodiversidade e relevância ecológica. Sua importância é ainda mais evidente na região de Cachoeiras de Macacu (RJ), onde desempenha papel fundamental na proteção e regulação dos recursos hídricos.

O município abriga importantes mananciais que abastecem parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A vegetação nativa protege nascentes e cursos d'água, ajuda a regular o ciclo hidrológico, reduz enchentes e mantém o abastecimento em períodos secos; atua como filtro natural de poluentes e sedimentos, melhora a estabilidade dos solos em relevo acidentado, sustenta a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos e oferece base para práticas produtivas sustentáveis, como agroflorestas e agricultura orgânica.

Em nível nacional, a restauração da Floresta Ombrófila Densa é estratégica para o cumprimento de metas ambientais do Brasil, como a Política Nacional de Recuperação da Vegetação Nativa (Proveg), os compromissos climáticos internacionais e a segurança hídrica de grandes centros urbanos.

Em nível nacional, a restauração da Floresta Ombrófila Densa é estratégica para o cumprimento de metas ambientais do Brasil



■ Floresta Ombrófila Densa

O Projeto Guapiaçu IV concentrou esforços na restauração ativa e na manutenção de áreas prioritárias de Floresta Ombrófila Densa, seguindo práticas recomendadas pelo Pacto pela Restauração da Mata Atlântica. O trabalho resultou na recuperação de 41 hectares, superando a meta inicial de 40 hectares e alcançando 102,5% do índice combinado previsto.

Além desse resultado, foram conduzidas ações de controle de formigas cortadeiras com aplicação de iscas e monitoramento contínuo e o cercamento das áreas para evitar o acesso de animais de grande porte e garantir maior sobrevivência das mudas. O manejo incluiu ainda roçadas regulares, que favoreceram o acúmulo de matéria orgânica e a recuperação da fertilidade dos solos, e a diversificação das espécies plantadas, com mais de 70 nativas da Mata Atlântica. Parte expressiva desse esforço ocorreu em propriedades com certificação

orgânica, que representaram 32% da área restaurada (13,3 hectares), enquanto o restante envolveu áreas de uso misto ou voltadas à pesquisa, educação e agroecologia. Houve ainda integração com ações no Sítio dos Sonhos e na UFF Fazenda Escola.

O caminho, no entanto, apresentou desafios. As florestas implantadas ainda são jovens, e o ritmo de desenvolvimento da vegetação varia conforme as condições locais. Em áreas de solo fértil e menos degradado, o crescimento das mudas é bem expressivo. A pressão de gramíneas invasoras, como o capim colônia, exige roçadas frequentes, enquanto parte das áreas apresenta compactação do solo e baixa fertilidade. Além disso, limitações climáticas afetaram o cronograma, e a logística em terrenos acidentados elevou custos e complexidade. Houve necessidade constante de replantios, enfermagem de mudas e treinamentos para suprir a escassez de mão de obra especializada em restauração.

Apesar dessas dificuldades, os resultados têm se mostrado significativos. Do ponto de vista ambiental, já se observa o adensamento da vegetação nativa, o estabelecimento de espécies pioneiras e secundárias, a redução de processos erosivos, o controle do pisoteio, a melhoria gradual da qualidade do solo e os primeiros indícios de retorno da fauna. No campo técnico, o projeto superou sua meta física, implantou mais de 70 espécies nativas — entre elas algumas ameaçadas de extinção, como *Virola gardneri*, *Balfourodendron riedelianum*, *Plinia edulis*, *Euterpe edulis*, *Bathysa mendoncae*, *Ocotea catharinensis* e *Inga sessilis* —, concluiu todas as etapas técnicas adaptadas ao contexto local e consolidou um modelo replicável de restauração ecológica. Já os impactos sociais se refletem na integração com ações de educação ambiental, agroecologia e cultura, no fortalecimento de parcerias com instituições de ensino e em novas oportunidades de emprego e capacitação para a mão de obra técnica local.

Já se observa o adensamento da vegetação nativa, o estabelecimento de espécies pioneiras e secundárias, a redução de processos erosivos, o controle do pisoteio, a melhoria gradual da qualidade do solo e os primeiros indícios de retorno da fauna



■ Banco de áreas para restauração

Entre outubro de 2022 e setembro de 2025, a mobilização ampliou a base de áreas cadastradas com potencial para restauração, engajou proprietários, comunidades e instituições e consolidou parcerias para viabilizar projetos, contribuindo para o aumento de cobertura florestal em Cachoeiras de Macacu.

A metodologia, estruturada em uma “cesta de serviços” geoespaciais, de conversão produtiva/práticas sustentáveis e de instrumentos econômicos, é ajustada ao perfil de cada propriedade a partir de avaliação de tamanho, localização e atividade produtiva, além do mapeamento de expectativas e possíveis contrapartidas. As abordagens foram realizadas “porteira a porteira”, apresentando objetivos e benefícios da restauração, o que fortaleceu a credibilidade do Projeto Guapiaçu e do Instituto de Ação Socioambiental. A atuação técnica também se deu em conselhos, fóruns e coletivos de proprietários rurais.

Resultados alcançados: foram disponibilizados 144,86 hectares em 11 propriedades. Dessas, quatro têm tamanho inferior a quatro módulos fiscais e sete, superior, com perfis produtivos diversos (agropecuária, orgânicos, bebidas naturais, hipismo, turismo de experiência e hospedagem). A diversidade de perfis exigiu adaptar e ampliar a oferta de serviços técnicos. Embora a meta tenha sido superada e parte significativa

já esteja em implantação e manutenção, a taxa de sucesso é baixa frente ao total de visitas: 241 imóveis visitados e 11 parcerias firmadas. Os principais desafios foram a resistência de parte dos proprietários ao uso da terra para restauração, a necessidade de incentivos econômicos, a carência de recursos técnicos e financeiros para implantação em todas as áreas cadastradas e a demanda por assistência técnica para sistemas produtivos associados.

Como consideração final, a mobilização do banco de áreas mostrou se estratégica para escalar ações, fortalecer a rede de parceiros e ampliar o reconhecimento regional do Instituto de Ação Socioambiental; ainda assim, a disponibilização de áreas permanece um esforço contínuo, dada a percepção de baixo ganho imediato por parte de alguns proprietários. A equipe seguirá aprimorando a oferta de serviços para ampliar o engajamento.

A mobilização do banco de áreas mostrou se estratégica para escalar ações, fortalecer a rede de parceiros e ampliar o reconhecimento regional do Instituto de Ação Socioambiental





4. Programa Integrado de Educação Ambiental





O Programa Integrado de Educação Ambiental, desenvolvido pelo Instituto de Ação Socioambiental no âmbito do Projeto Guapiaçu, tornou-se uma das principais estratégias de sensibilização no território de Cachoeiras de Macacu e região. Com ações contínuas, planejadas e adaptadas às diferentes fases do desenvolvimento humano, o programa aproxima as comunidades da natureza, valoriza o território e os saberes locais e promove o reconhecimento da biodiversidade da Mata Atlântica.

Voltado à Educação Infantil, ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, o programa articula atividades dentro das escolas e em campo, com destaque para visitas guiadas às Unidades de Conservação, como o Parque Estadual dos Três Picos (PETP) e a APA da Bacia do rio Macacu/Parque da Cidade. Essas experiências possibilitam o contato direto com ambientes naturais, despertando interesse, curiosidade e cuidado.

Além disso, por meio do Programa de Monitoramento dos Recursos Hídricos (PMRH), a capacitação de monitores ambientais possibilitou um novo olhar para os recursos hídricos da região, reforçando a importância da ação humana. Analisando a água coletada em pontos diversos dos rios da região junto com os estudantes, fortalecemos neles as noções da ciência cidadã.

A metodologia se baseia na sensibilização, no envolvimento ativo e na experimentação. Trilhas interpretativas, atividades lúdicas e reflexões em grupo estimulam o sentimento de pertencimento, o respeito ao território e o compromisso com práticas mais sustentáveis no cotidiano. Cada atividade ultrapassa a dimensão pedagógica: é também um convite a sentir, pensar e agir em prol de um futuro mais justo e equilibrado.

■ Meio Ambiente em Ação: Educação Infantil nas escolas e Unidades de Conservação

Levar a temática ambiental para dentro das escolas, especialmente na Educação Infantil, é um passo essencial para formar cidadãos mais responsáveis, empáticos e comprometidos com a vida em todas as suas formas. É nesse período

*O programa aproxima as
comunidades da natureza, valoriza
o território e os saberes locais
e promove o reconhecimento da
biodiversidade da Mata Atlântica*

As crianças são envolvidas em experiências sensoriais e visuais, que despertam encantamento e plantam a semente do cuidado



que se consolidam valores, curiosidade e senso de pertencimento. E é justamente aí que o Projeto Guapiaçu atua, semeando um futuro sustentável por meio da vivência direta com a natureza.

As atividades propostas vão além da teoria. As crianças são envolvidas em experiências sensoriais e visuais, que despertam encantamento e plantam a semente do cuidado. Um dos destaques é a exposição de crânios de animais da fauna brasileira, como o da onça-pintada e o da anta, que causam impacto imediato e provocam reflexões sobre a importância de proteger espécies e habitats. Outro recurso marcante é a “sementeca”, uma coleção de sementes nativas da

Mata Atlântica, com formas e cores diversas, que estimula o vínculo tátil e afetivo com a floresta.

As crianças também conhecem animais monitorados pelo projeto, como a anta, o miqui-do-sul, a paca e a onça-parda, e se surpreendem com histórias reais, como a da reintrodução da anta, ausente da região por mais de um século. A curiosidade é ampliada pela exibição de uma caixa entomológica repleta de insetos, que revela a importância de cada organismo, até os mais “pequenos”, para o equilíbrio ecológico.

Para completar, são apresentadas imagens de áreas degradadas antes e depois da restauração florestal, mostrando que a natureza respon-

de positivamente ao cuidado. Desde o início do programa, foram 87 atividades realizadas com a primeira infância, envolvendo 2.838 crianças em atividades lúdicas e transformadoras. Essas atividades foram realizadas tanto nas unidades escolares quanto nas unidades de conservação. O mais marcante, porém, é acompanhar a mudança de percepção: no início, muitas acreditavam que a região abrigava tigres e girafas; aos poucos, aprendem a reconhecer os verdadeiros habitantes da Mata Atlântica e passam a incorporá-los ao seu repertório afetivo.

Na Escola Municipal Professor Carlos Brandão, na comunidade do Faraó, a aplicação da Teoria



da Mudança permitiu acompanhar de perto os impactos das atividades. Oficinas, visitas a Unidades de Conservação e parcerias com projetos da REDAGUA (como Coral Vivo, Meros do Brasil e UÇA) mostraram o potencial da educação ambiental de fortalecer vínculos com o território e de inspirar transformações no cotidiano escolar.

■ **Conhecendo o Meio Ambiente: um mergulho sensorial na natureza de Cachoeiras de Macacu**

Visitar uma Unidade de Conservação é mais do que contemplar paisagens: é viver uma experiência transformadora. Em Cachoeiras de Macacu, sete UCs oferecem oportunidades únicas de reconexão com a natureza e reflexão sobre o papel humano na sua proteção.

Duas delas, a APA da Bacia do rio Macacu e o Parque Estadual dos Três Picos (PETP), são cenários das atividades do programa. Em parceria com a Prefeitura Municipal de Cachoeiras de Macacu, a Casa do Autista e o Instituto Estadual de Ambiente INEA, foram implantadas trilhas sensoriais e placas educativas, que transformam o aprendizado em vivência marcante.

Na APA do rio Macacu, o percurso segue às margens do rio que abastece municípios como Cachoeiras de Macacu, Guapimirim, Itaboraí, São Gonçalo, Niterói, parte da Ilha de Paquetá e Maricá. Durante o trajeto, são discutidos os

impactos humanos sobre os mananciais e a importância da conservação hídrica. Um dos momentos mais intensos é o trecho de caminhada de olhos fechados, no qual os participantes aguçam audição, tato e olfato: escutam sons da fauna, sentem texturas do solo e reconhecem aromas de folhas e ervas.

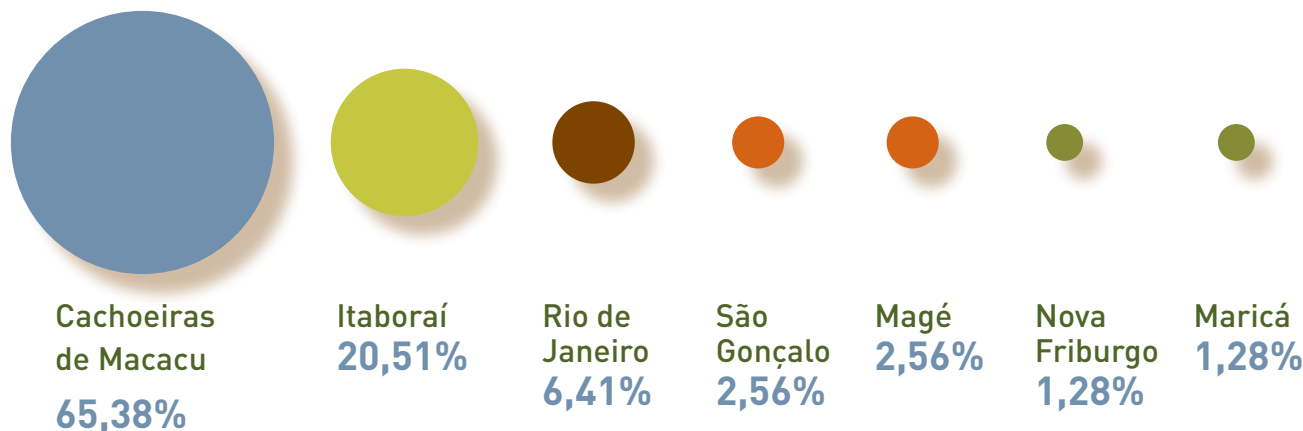
No PETP, na sede do Núcleo Jequitibá, o ponto alto é o encontro com o jequitibá-rosa, árvore com mais de mil anos e cerca de 45 metros de altura, símbolo de ancestralidade e resistência. Ali, placas educativas reforçam a importância da biodiversidade, e a prática do *Shinrin-yoku* (banho de floresta) promove bem-estar físico, mental e emocional, além de senso de pertencimento.

Em três anos do Programa Integrado de Educação Ambiental, foram realizadas 150 visitas às UCs, envolvendo 5.722 crianças e adolescentes, sendo 788 menores de cinco anos e 4.934 maiores. Nas unidades escolares, foram 52 visitas, envolvendo 4.990 crianças e adolescentes, sendo 2.050 menores de cinco anos e 2.940 maiores que essa faixa etária.

No total, foram 78 diferentes unidades escolares e instituições envolvidas em 202 atividades, durante o período de 2022 a 2025, atingindo sete municípios, totalizando 10.712 pessoas envolvidas, em sua grande maioria alunos da rede pública.

Esses números evidenciam o impacto regional e reforçam o papel da educação como ferramenta de transformação.

Municípios atendidos





■ Programa de Monitoramento dos Recursos Hídricos (PMRH)

O Programa de Monitoramento dos Recursos Hídricos (PMRH), desenvolvido desde 2017, alia ciência cidadã, protagonismo juvenil e engajamento comunitário. Ao longo dos anos, já envolveu 372 estudantes do Ensino Médio público em atividades que transformam sua relação com o território.

Os jovens passam por uma capacitação de 40 horas, com aulas teóricas e práticas sobre qualidade da água, biodiversidade, geografia, cartografia e mudanças climáticas. Depois, participam de coletas mensais em pontos de rios das bacias Guapiaçu, Macacu, Caceribu, Vargem e Ubatiba, utilizando kits colorimétricos e equipamentos de campo para analisar parâmetros físico-químicos e biológicos. Também realizam biomonitoramento com macroinvertebrados bentônicos, bioindicadores fundamentais para avaliar a saúde dos corpos hídricos. Ao todo, tivemos 240 horas de capacitação nessa fase do projeto e 234 monitores ambientais formados para analisar os principais rios da região.



O programa aconteceu por meio da parceria com escolas estaduais e institutos federais, como o Colégio Estadual São José, o CIEP 479 Dr. Mário Simão Assaf, o Colégio Estadual Maria Zulmira Torres, o CIEP 353 Doutor Brochado da Rocha, o Instituto Federal Fluminense – Campus Maricá e o Instituto Federal Fluminense – Campus Itaboraí.

As atividades do PMRH ocorrem em Unidades de Conservação como o Parque Estadual dos Três Picos, a APA Macacu e a APASEMAR, que se tornam salas de aula ao ar livre. O aprendizado conecta biologia, química, física, geografia

e ciências sociais, despertando senso de pertencimento e responsabilidade socioambiental.

O PMRH também aplica a Teoria da Mudança e a Pedagogia da Pergunta, de Paulo Freire, estimulando a reflexão crítica como motor do aprendizado. Diversas escolas e o campus do Instituto Federal Fluminense participam, ampliando a rede de educadores ambientais na região.

Os resultados são expressivos: os estudantes identificaram a relação entre a ausência de mata ciliar e o assoreamento dos rios, além de constatarem a presença de coliformes fecais

em trechos urbanos — evidências da necessidade urgente de saneamento. Muitos deles seguiram engajados, chegando a integrar a equipe técnica do projeto, como Rafaelle Oliveira Almeida Madeira, Rillary Lemos de Souza e Catarina Braga da Silva.

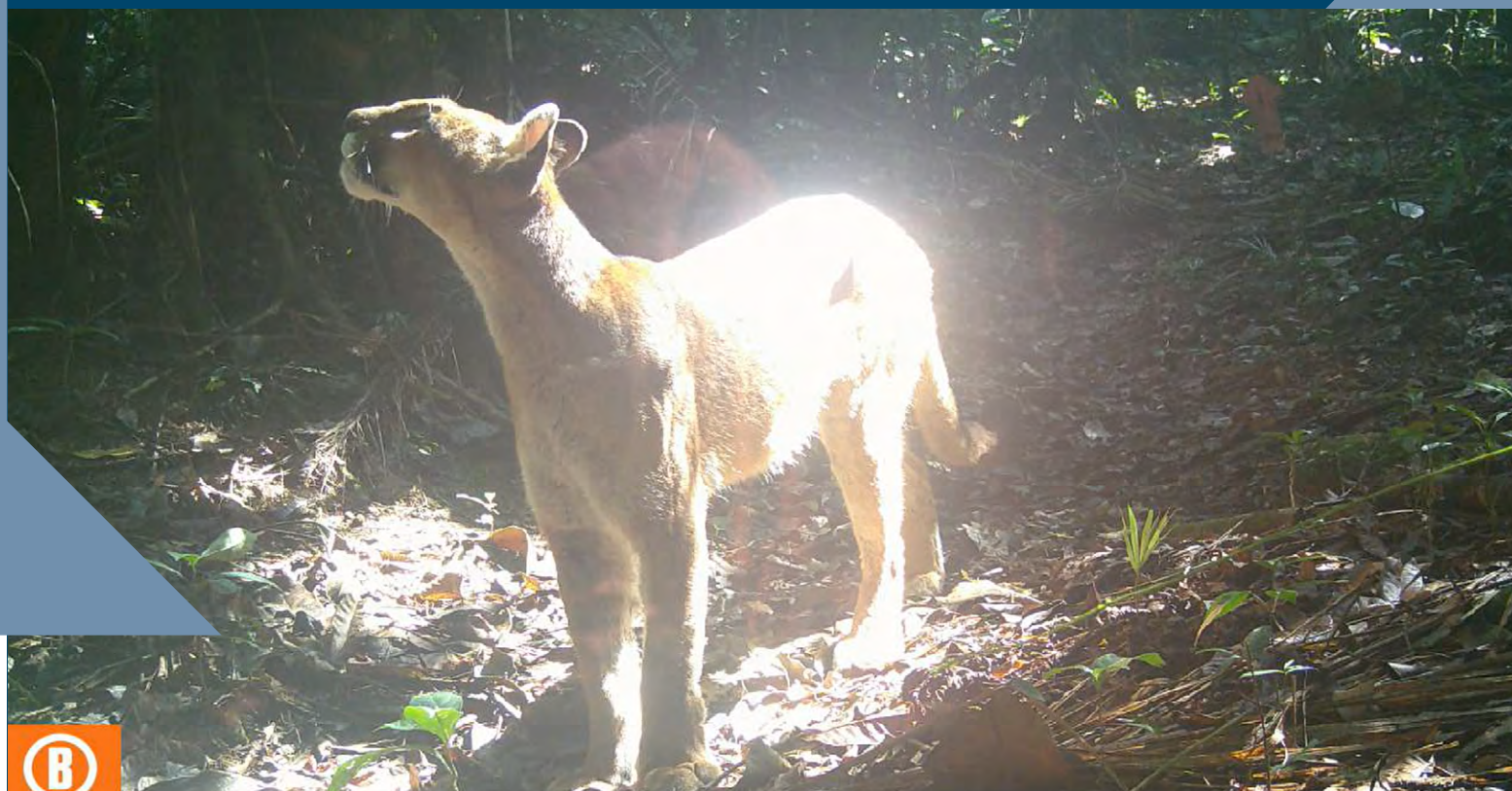
Mais do que dados, o programa forma jovens líderes ambientais, capazes de multiplicar conhecimento em suas comunidades. Em um contexto de mudanças climáticas, o PMRH se consolida como ferramenta de transformação social, fortalecendo autoestima, protagonismo juvenil e governança hídrica.

O programa forma jovens líderes ambientais, capazes de multiplicar conhecimento em suas comunidades





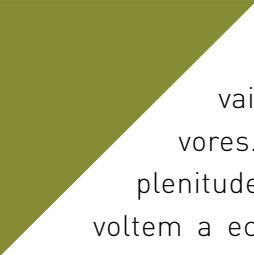
5 Programa de Monitoramento de Biodiversidade



Camera ID:RGVM02

55 °F 13 °C

08-01-2024 12:06:27



Restaurar ecossistemas criticamente ameaçados vai muito além de plantar árvores. É devolver a vida em sua plenitude, permitir que as florestas voltem a ecoar com o voo das aves, que os rios recuperem a sinfonia dos anfíbios e que o equilíbrio natural seja restabelecido. A fauna é, ao mesmo tempo, indicador e motor desse processo: sua presença revela a qualidade ambiental, enquanto sua interação com a flora garante serviços essenciais, como a polinização, a dispersão de sementes e o controle de populações.

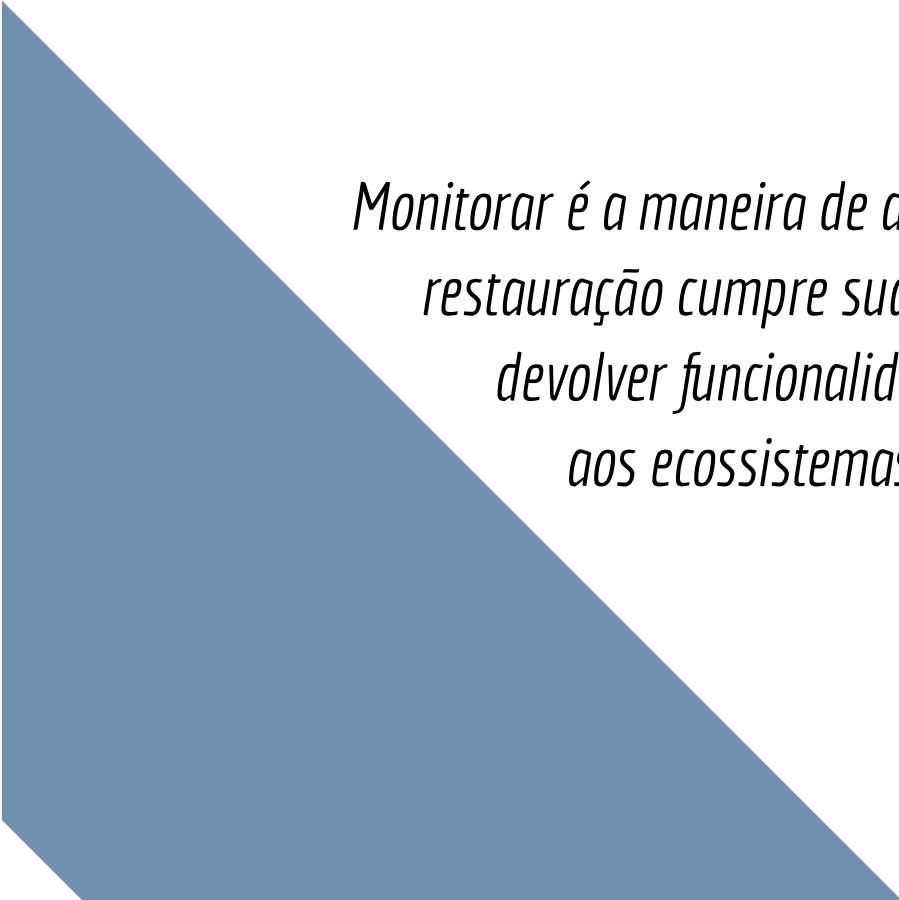
Monitorar a biodiversidade, portanto, não é apenas um procedimento técnico: é a maneira de avaliar se a restauração cumpre sua missão de devolver funcionalidade e resiliência aos ecossistemas. No caso do Projeto Guapiaçu, este monitoramento é feito pelo Instituto de Ação Socioambiental, com a parceria do Refauna e do Caminho da Mata Atlântica.

Nesse percurso, a tecnologia se torna uma grande aliada. 57 armadilhas fotográficas obtidas pelo projeto foram utilizadas ao longo dos últimos 3 anos em até 72 pontos de monitoramento, revelando espécies raras e discretas, muitas vezes invisíveis ao olhar humano. Ao todo, tivemos 48.809 registros de animais, com 4 espécies domésticas e 23 espécies de mamíferos silvestres abrigadas na área. Drones termais oferecem uma visão inédita do comporta-

mento da fauna em seu habitat, sobretudo no inverno ou em áreas de difícil acesso. Mais do que ampliar a precisão dos dados, essas ferramentas despertam fascínio em estudantes e voluntários, que acompanham de perto como a inovação pode estar a serviço da conservação.

Mas talvez o aspecto mais transformador desse processo seja o envolvimento das pessoas. Quando jovens estudantes participam das atividades de monitoramento, especialmente por meio da ciência cidadã, o impacto se multiplica.

Assim, cada ave avistada, cada pegada registrada, cada som noturno captado vai além de números em uma planilha: são sementes de mudança social, que germinam em corações e mentes e ajudam a formar uma geração mais consciente e comprometida com a conservação. Nesse sentido, a restauração ecológica é também restauração de valores, um movimento que une ciência, educação e esperança.



Monitorar é a maneira de avaliar se a restauração cumpre sua missão de devolver funcionalidade e resiliência aos ecossistemas.



■ Reintrodução e monitoramento da anta (*Tapirus terrestris*)

A reintrodução da anta em Cachoeiras de Macacu (RJ), conduzida pela ONG Refauna, com apoio do Projeto Guapiaçu e da Reserva Ecológica de Guapiaçu (REGUA), representa um verdadeiro marco para a conservação da Mata Atlântica. Ausente há mais de um século no Estado do Rio de Janeiro, em razão da caça e da destruição do habitat, a espécie é considerada chave para o equilíbrio florestal: ao dispersar sementes de grande porte, influencia diretamente a regeneração e a estrutura das matas.

Desde o início da iniciativa do Refauna, 22 antas já foram reintroduzidas em áreas monitoradas e protegidas, com nove nascimentos em vida livre, um forte indício de adaptação e sucesso reprodutivo. O acompanhamento científico é feito por meio de colares de GPS e armadilhas fotográficas, que permitem compreender como os indivíduos utilizam a paisagem restaurada. Os registros mostram que as antas tendem a ocupar áreas mais baixas, de declividade suave e com disponibilidade constante de água, reforçando a importância de ambientes conectados e preservados. Nessa fase do projeto, foram reintroduzidos 8 indivíduos de anta, e ao longo do monitoramento foram identificados, num total de 32.258 registros fotográficos da espécie, 21 antas circulando na região, contando com os filhotes.

Desde o início da iniciativa do Refauna, 22 antas já foram reintroduzidas em áreas monitoradas e protegidas, com nove nascimentos em vida livre



O projeto, no entanto, não se restringe ao aspecto ecológico. Há também um componente social relevante: 401 moradores locais foram entrevistados e compartilharam percepções que vão do encantamento com o retorno da espécie até dúvidas sobre seus impactos. Esse diálogo tem orientado ações de educação ambiental e fortalecido a parceria com a comunidade, que participa relatando avistamentos e comportamentos das antas.

Assim, o monitoramento cumpre duas funções complementares: avaliar a viabilidade ecológica da reintrodução e aproximar conservação e sociedade. A presença da anta na paisagem funciona ainda como um termômetro da saúde da floresta. Por ser um animal de grande porte, capaz de percorrer longas distâncias e consumir uma ampla variedade de frutos, sua permanência indica que o ecossistema está funcional e resiliente — um sinal promissor para o futuro da Mata Atlântica.



■ Monitoramento da paca (*Cuniculus paca*)

A escolha da paca como espécie foco de monitoramento no Projeto Guapiaçu se deve a suas características ecológicas e socioculturais. Sensível à caça e à degradação ambiental, ela se torna um bioindicador eficiente da qualidade do ambiente florestal. Além disso, é uma espécie próxima da população local, presente tanto na cultura alimentar tradicional quanto no imaginário da fauna regional.

O monitoramento vem sendo realizado com armadilhas fotográficas instaladas em áreas em diferentes estágios de regeneração florestal, com ênfase em regiões próximas a cursos d'água — ambientes preferidos pela espécie. Os primeiros resultados apontam que a paca já ocupa diversos pontos do Parque Estadual dos Três Picos e da REGUA, inclusive em áreas de floresta secundária, evidenciando que a restauração está favorecendo o retorno da fauna. Também há registros em locais de menor presença humana, o que reforça sua vulnerabilidade à pressão de caça. Nessa fase do projeto foram obtidos 277 registros fotográficos da espécie.

A relação entre a paca e os modos de vida locais é complexa. Para muitos moradores, trata-se de uma espécie carismática, ligada à memória rural e ao conhecimento tradicional. Por outro lado, a caça de subsistência, embora culturalmente enraizada, pode comprometer a recupe-

Do ponto de vista ecológico, a paca desempenha um papel importante na dispersão de sementes e na ciclagem de nutrientes, integrando a cadeia trófica da floresta.

ração das populações naturais. Nesse contexto, o monitoramento funciona como ponte entre conservação e cultura, promovendo alternativas de diálogo e engajamento, como o envolvimento de escolas e famílias em atividades educativas.

Do ponto de vista ecológico, a paca desempenha um papel importante na dispersão de sementes e na ciclagem de nutrientes, integrando a cadeia trófica da floresta. Monitorar sua presença é uma forma de verificar se os esforços de restauração estão criando condições adequadas para a fauna nativa. Para a sociedade, os dados gerados fortalecem a educação ambiental, apoiam pesquisas científicas e subsidiam políticas públicas de conservação participativa. Ao compartilhar registros com a comunidade de forma acessível, o projeto estimula o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade pela biodiversidade local.



■ Monitoramento da onça-parda (*Puma concolor*)

A onça-parda é o maior predador terrestre ainda presente na região de Cachoeiras de Macacu e em áreas adjacentes ao Parque Estadual dos Três Picos. Embora classificada como espécie de “Menos Preocupante” na lista da IUCN - União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, suas populações enfrentam ameaças constantes relacionadas à fragmentação florestal, à perda de habitat e aos conflitos com seres humanos.

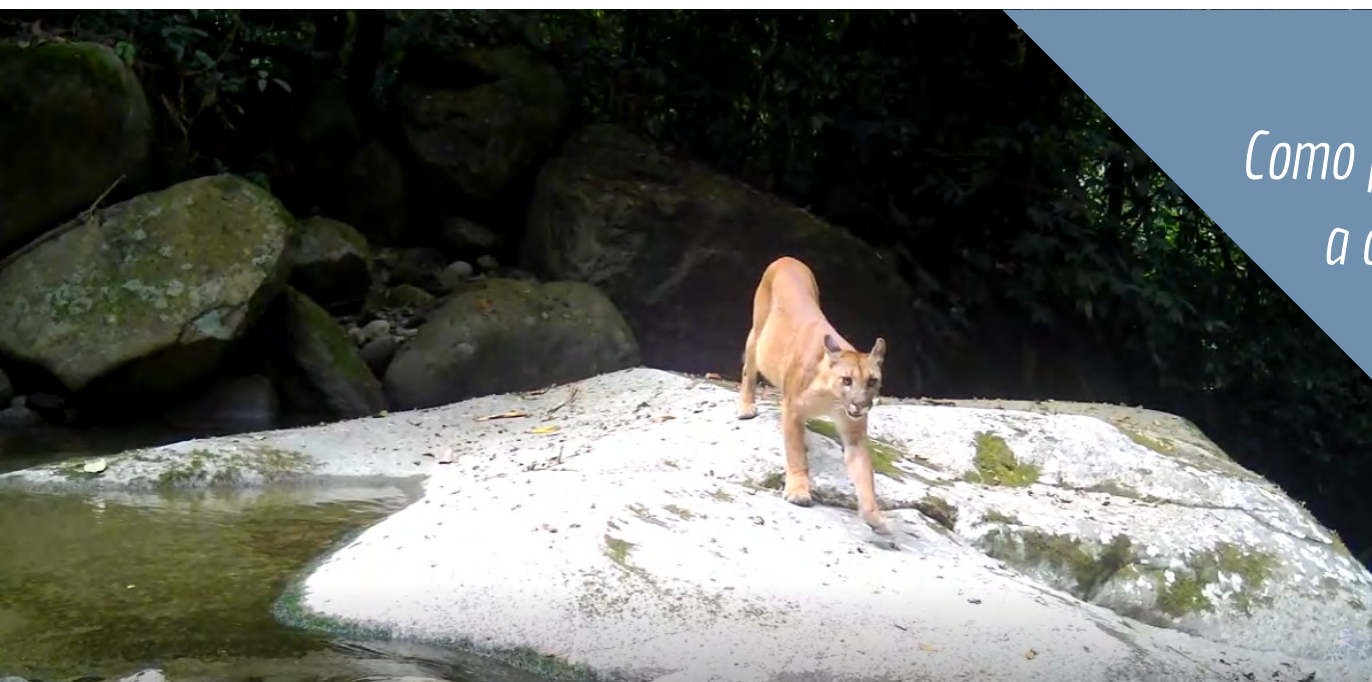
O monitoramento da espécie é fundamental para compreender sua ecologia e garantir sua permanência a longo prazo. Por meio de arma-

vilhas fotográficas, o projeto já registrou 27 indivíduos diferentes, incluindo filhotes e fêmeas com comportamento territorial ativo, totalizando 843 registros da espécie. As imagens também revelaram áreas de sobreposição de território, locais de marcação de cheiro e o uso recorrente de trilhas, informações que ajudam a identificar corredores ecológicos, áreas críticas para a conectividade florestal e pontos de potencial conflito com as comunidades humanas.

Como predador de topo, a onça-parda desempenha papel essencial na regulação da cadeia alimentar. Sua presença estável indica que o ambiente mantém abundância de presas, conectividade florestal e baixa pressão de distúrbios.

Dessa forma, monitorar a espécie se torna uma ferramenta poderosa para avaliar a qualidade e a funcionalidade dos ecossistemas. Se a onça está ali, é sinal de que a floresta segue saudável.

Além dos benefícios ecológicos, o monitoramento da onça-parda gera impactos sociais. Ele fortalece a valorização da fauna nativa, subsidia políticas públicas, orienta medidas de mitigação de conflitos e fomenta atividades como o turismo de natureza. Ao envolver a comunidade em ações de educação ambiental e ao divulgar registros, inclusive em oficinas e redes sociais, o projeto contribui para a construção de uma rede de proteção compartilhada, ampliando o sentimento de pertencimento à biodiversidade local.



*Como predador de topo,
a onça-parda desempenha
papel essencial na
regulação da cadeia
alimentar.*



■ Monitoramento do miqui -do -sul (*Brachyteles arachnoides*)

O miqui-do-sul, maior primata das Américas e espécie criticamente ameaçada de extinção, é um dos grandes símbolos da conservação da Mata Atlântica. Endêmico desse bioma e extremamente sensível a distúrbios ambientais, depende de vastas áreas contínuas de floresta madura para sobreviver, condição que o torna um indicador preciso da integridade ambiental. Sua presença nos fragmentos florestais da Serra do Mar é um sinal valioso de que a restauração e a proteção da biodiversidade estão funcionando. Em alguns pontos, grupos já foram observados utilizando áreas reflorestadas, reforçando a importância da conectividade entre fragmentos. Os dados de monitoramento mostram que esses animais percorrem longas distâncias e exploram intensamente a copa das árvores, confirmando a necessidade de corredores florestais amplos e bem conservados.

O acompanhamento permite compreender aspectos sociais, reprodutivos e alimentares da espécie, informações fundamentais para sua conservação. Fêmeas com filhotes e grupos mistos em atividade são indicativos positivos de viabilidade populacional, embora a situação ainda seja crítica: estima-se que existam menos de 1.500 indivíduos de miqui-do-sul na natureza, restritos a áreas específicas de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O monito-

ramento tem também forte componente social. Oficinas em escolas, exposições fotográficas e materiais educativos aproximam a comunidade da importância da espécie, despertando a percepção de que a floresta não é apenas paisagem, mas um patrimônio vivo do qual todos fazemos parte. O miqui torna-se, assim, uma espécie embaixadora, capaz de mobilizar apoio local para a conservação.

Do ponto de vista ecológico, o miqui-do-sul exerce papel central como frugívoro e dispersor de sementes, influenciando diretamente a regeneração da floresta e a manutenção da diversidade vegetal. Monitorá-lo é monitorar a própria saúde da Mata Atlântica. Os dados coletados mostram sinais promissores: aumento da taxa de natalidade, presença de jovens e mães com filhotes, evidências de que a área funciona como um refúgio bem preservado.

A metodologia combina busca ativa em trilhas a partir de 700 metros de altitude com o uso de drone termal, capaz de localizar grupos na copa e até identificar mães com filhotes, mesmo em áreas de densa vegetação. Esses registros revelam não apenas onde os animais estão, mas também como utilizam o espaço e quais recursos a floresta lhes oferece. Populações com indivíduos jovens e filhotes indicam que o ecossistema mantém energia e recursos suficientes para sustentar uma espécie tão exigente — um termômetro ecológico de alto valor.

*Os dados coletados
mostram sinais
promissores: aumento
da taxa de natalidade,
presença de jovens
e mães com filhotes,
evidências de que a área
funciona como um refúgio
bem preservado.*



No monitoramento do Projeto Guapiaçu IV foram realizadas 13 excursões com 45 dias de campo envolvendo bate e volta e pernoites na floresta, totalizando mais de 315 quilômetros de trilha percorrida de 0 a 1200 metros de altitude. Foram avistados aproximadamente 60 indivíduos, divididos em três grupos observados. Os avistamentos ocorreram majoritariamente na parte da manhã, entre 8 horas e 10 horas, mas a equipe também presenciou algumas ve-

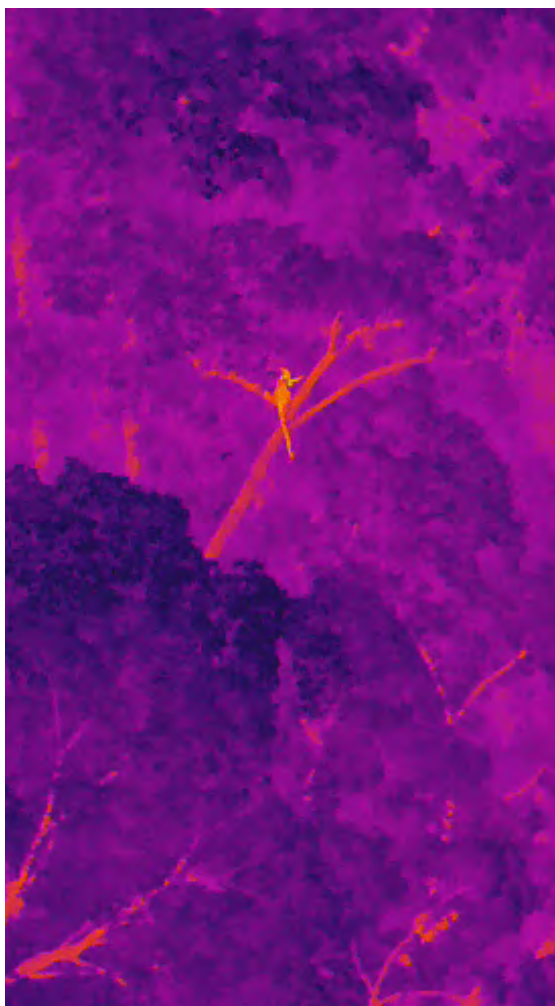
zes atividade no período no final da tarde, entre 2 horas e 5 horas da tarde. Isso mostra a necessidade de um monitoramento que englobe em sua metodologia pernoite nessas áreas mais remotas onde os grupos se encontram. Com isso entenderemos com maior detalhe o período de atividade das populações de cada local.

Nesses três anos de monitoramento, pudemos observar uma população com indícios de crescimento, apresentando diversos indivíduos jovens

e mães com filhotes. Os grupos variaram de 2 a 20 indivíduos e alguns não se importavam com a presença humana, já outros demonstravam curiosidade tanto com relação a equipe quanto com relação ao drone. Durante todo monitoramento não conseguimos mapear o local de dormida, porém observamos, ao longo das trilhas, alguns frutos que a espécie utiliza como fonte de alimento. A presença desses frutos na trilha demonstra que a floresta é um indicativo de que a floresta suporta uma espécie com um requerimento de habitat tal qual o muriqui.

Mais que proteger uma espécie, conservar o muriqui significa garantir serviços ecossistêmicos essenciais, como dispersão de sementes, regeneração florestal, provisão de água, estocagem de carbono e regulação climática. Estudos demonstram que a perda de primatas compromete funções vitais da floresta e reduz os benefícios oferecidos às pessoas. Por isso, projetos de monitoramento são estratégicos: produzem dados de médio e longo prazo, orientam políticas públicas, identificam áreas prioritárias para corredores ecológicos e fortalecem programas de pagamento por serviços ambientais.

Além dos benefícios ecológicos, a conservação do muriqui gera também serviços culturais. Educação ambiental e ecoturismo, inspirados por esse “guardião das florestas”, fortalecem a identidade local, aproximam comunidades de sua biodiversidade e podem gerar novas oportunidades de renda.





Programa de Restauração de Manguezal





A restauração dos manguezais é vital para a saúde ecológica e social da Baía de Guanabara, em especial na foz do Rio Estrela, no município de Magé (RJ). Esses ecossistemas costeiros funcionam como verdadeiros berçários naturais de peixes, crustáceos e aves, garantindo alimento e sustento para comunidades tradicionais, como os caranguejeiros e pescadores da ACAMM — associação que atua como equipe operacional de restauração no Projeto Guapiaçu. A experiência mostra que recuperar manguezais só é plenamente eficaz quando o conhecimento técnico se alia ao saber tradicional e à força das comunidades locais. Nesse sentido, a trajetória da ACAMM comprova que é possível conciliar conservação ambiental com inclusão social, dignidade e sustentabilidade.

Os manguezais prestam serviços ambientais de enorme alcance. Protegem contra erosão e inundações costeiras, funcionam como filtros naturais que retêm poluentes e melhoram a qualidade da água, e contribuem para o enfrentamento das mudanças climáticas por meio do sequestro de carbono (ODS 13 – Ação Contra a Mudança Global do Clima). Ao mesmo tempo, garantem a preservação da biodiversidade marinha e costeira (ODS 14 – Vida na Água), sustentando cadeias alimentares inteiras.

Restaurar manguezais, portanto, significa também restabelecer os meios de vida de quem

depende diretamente desses ambientes, fortalecendo a segurança alimentar e a economia de base comunitária. Por isso, a recuperação desse ecossistema dialoga ainda com o ODS 1 – Erradicação da Pobreza e o ODS 2 – Fome Zero e Agricultura Sustentável, reforçando a justiça ambiental e a resiliência climática das comunidades costeiras.

*Restaurar manguezais
significa também
restabelecer os meios
de vida de quem depende
diretamente desses
ambientes, fortalecendo
a segurança alimentar
e a economia de base
comunitária*

■ Restauração de Manguezal no Projeto Guapiaçu

As ações de restauração do Projeto Guapiaçu estão concentradas na Área de Proteção Ambiental (APA) da Estrela, localizada na foz do Rio Estrela, em Magé (RJ), na Baía de Guanabara. Essa unidade de conservação de uso sustentável enfrenta forte pressão da urbanização desordenada, do descarte irregular de resíduos e da degradação histórica dos manguezais. A atuação do projeto busca justamente reverter esses impactos e valorizar o território tradicional, promovendo um modelo de uso sustentável dos recursos naturais, em consonância com o ODS 15 – Vida Terrestre e o ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis.

Os resultados alcançados demonstram a integração entre restauração ecológica e engajamento comunitário. Foram restaurados 5 hectares de manguezal, o equivalente a cinco campos de futebol, e plantadas 12.500 mudas de espécies nativas, entre elas o mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*), o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*) e o mangue-preto (*Avicennia schaueriana*). Além disso, a equipe realizou remoção contínua de resíduos sólidos trazidos pela maré, como plásticos e entulhos, que comprometem o crescimento das mudas e a sobrevivência da fauna (ODS 12 – Consumo e Produção Responsáveis).



A restauração dos manguezais se afirma não apenas como ação ecológica, mas como processo de inclusão, justiça ambiental e resiliência comunitária

O impacto do projeto se reflete em múltiplas dimensões. Do ponto de vista ambiental, há o restabelecimento da biodiversidade e a ampliação de habitats na área restaurada, bem como a redução de resíduos no ecossistema, diretamente ligada ao ODS 14 – Vida na Água. Já no aspecto social, a iniciativa fortalece a segurança alimentar e a geração de renda de pescadores e caranguejeiros, contribuindo para o ODS 8 – Trabalho Decente e Crescimento Econômico. Além disso, promove a conscientização e o pro-

tagonismo das comunidades tradicionais, que hoje atuam como guardiãs dos manguezais.

Outro resultado importante é a ampliação da governança socioambiental, construída a partir do envolvimento de múltiplos atores e da articulação de parcerias voltadas à proteção e valorização da APA da Estrela. Dessa forma, a restauração dos manguezais se afirma não apenas como ação ecológica, mas como processo de inclusão, justiça ambiental e resiliência comunitária.



■ Operação LimpaOca

A Operação LimpaOca tem como objetivo promover a melhoria da qualidade ambiental, social e econômica dos territórios costeiros, fomentando a sociobiodiversidade em áreas de manguezal. Trata-se de uma ação de limpeza que alia conservação ambiental e justiça social, pois incorpora o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) a pescadores artesanais e catadores de caranguejo. A iniciativa nasceu em 2001, idealizada por Adílio Campos, catador da Ilha de Itaoca, em São Gonçalo, e desde então integra o planejamento estratégico da ONG Guardiões do Mar. Em 2014, pela relevância e pelos resultados alcançados, passou a ser desenvolvida também pelo UÇÁ e, a partir de 2022, foi incorporada a outros projetos, incluindo o Guapiaçu IV, que junto com o UÇÁ integra a Rede de Conservação Águas da Guanabara, além do projeto Do Mangue ao Mar, em convênio com a Transpetro.

O trabalho parte de uma realidade concreta: o resíduo sólido que chega aos manguezais, transportado por rios ou correntes marinhas, tem duas origens principais: o descarte incorreto e as enxurradas urbanas que, durante tempestades, arrastam lixo das cidades para os corpos d'água. Esses resíduos funcionam como barreiras físicas à biodiversidade, obstruindo o habitat natural. Como resume o próprio Adílio Campos: “onde tem um sofá ou um pneu, não tem toca de caranguejo.” Essa frase sintetiza um dos mui-

tos impactos da poluição nos manguezais. Cada hectare limpo libera dez mil metros quadrados para o surgimento de novas tocas, aumentando a densidade populacional do caranguejo-uçá, espécie fundamental para a bioeconomia do recôncavo da Guanabara. Além disso, áreas limpas favorecem a dispersão natural de propágulos de mangue, permitindo que novas árvores se estabeleçam sem necessidade de plantio. O esforço de retirada de resíduos contaminantes, como tubos de televisores, material hospitalar e entulhos diversos, melhora também a qualidade sanitária do pescado e dos caranguejos coletados, fortalecendo a saúde do ecossistema e das comunidades que dele dependem.

A ação traz ainda impactos diretos para as condições de trabalho dos povos do mar. Catadores de caranguejo atuam, em geral, sem equipamentos de proteção individual, em ambientes de substrato instável e repletos de materiais perfurocortantes, o que gera alto risco de acidentes. Com a limpeza, os manguezais se tornam mais seguros, reduzindo a exposição dos trabalhadores a perigos. O PSA pago por meio de bolsas-auxílio garante renda complementar (ou mesmo principal) às famílias participantes, especialmente durante o período de defeso do caranguejo-uçá, quando a captura é proibida. Esse benefício reduz a pressão sobre o recurso natural, favorece o crescimento das populações e gera ganhos de médio e longo prazo para a bioeconomia local.



No âmbito do Projeto Guapiaçu IV, a Operação LimpaOca foi realizada em três edições, durante os períodos de defeso de 2022, 2023 e 2024, em parceria com a Associação de Caranguejeiros e Amigos dos Mangues de Magé (ACAMM). Foram previstos 30 atendimentos por edição, totalizando 90 bolsas. No entanto, a adoção de um sistema de rodízio entre participantes ampliou o alcance da iniciativa: ao final, 168 pessoas receberam bolsas, distribuídas entre 87 homens e 81 mulheres, permitindo que mais famílias acessassem pelo menos um mês de renda extra. Essa renda teve impacto decisivo, já que muitos trabalhadores só conseguem receber o seguro defeso meses depois do período legal, enfrentando grandes dificuldades financeiras.

A metodologia da ação reforça seu caráter educativo e participativo. Antes do início de cada edição, lideranças comunitárias são consultadas para definição de detalhes como valor da bolsa, logística e seleção de participantes. Os escolhidos participam de encontros de sensibilização, recebem uniformes e EPIs e têm acesso a DDS (Diálogos Diários de Segurança), nos quais se discutem tanto questões de segurança do trabalho quanto reflexões sobre a importância ecológica dos manguezais, os impactos do lixo no ecossistema e até temas como emergências climáticas. Aos poucos, essa prática consolidou uma mudança cultural: pescadores e catadores passaram a perceber a gravidade da poluição que antes parecia “naturalizada” e,

hoje, muitos trazem de volta resíduos encontrados em suas atividades diárias, mesmo fora do período oficial da operação.

Os resultados são expressivos. Nas três edições, foram retirados 22.352,2 quilos de resíduos sólidos, correspondentes a 6 hectares limpos, equivalentes a 600 mil metros quadrados de manguezal recuperado para uso da fauna e para regeneração natural da vegetação. O impacto, contudo, vai além dos números: comunidades mais informadas e protagonistas passaram a atuar como parceiras na proteção do ecossistema, reconhecendo-se como guar-

diãs de um patrimônio coletivo. Houve melhoria na qualidade do trabalho, valorização dos saberes locais, fortalecimento dos serviços ecossistêmicos prestados pelos manguezais e incremento da renda das famílias, mesmo após o fim da atividade.

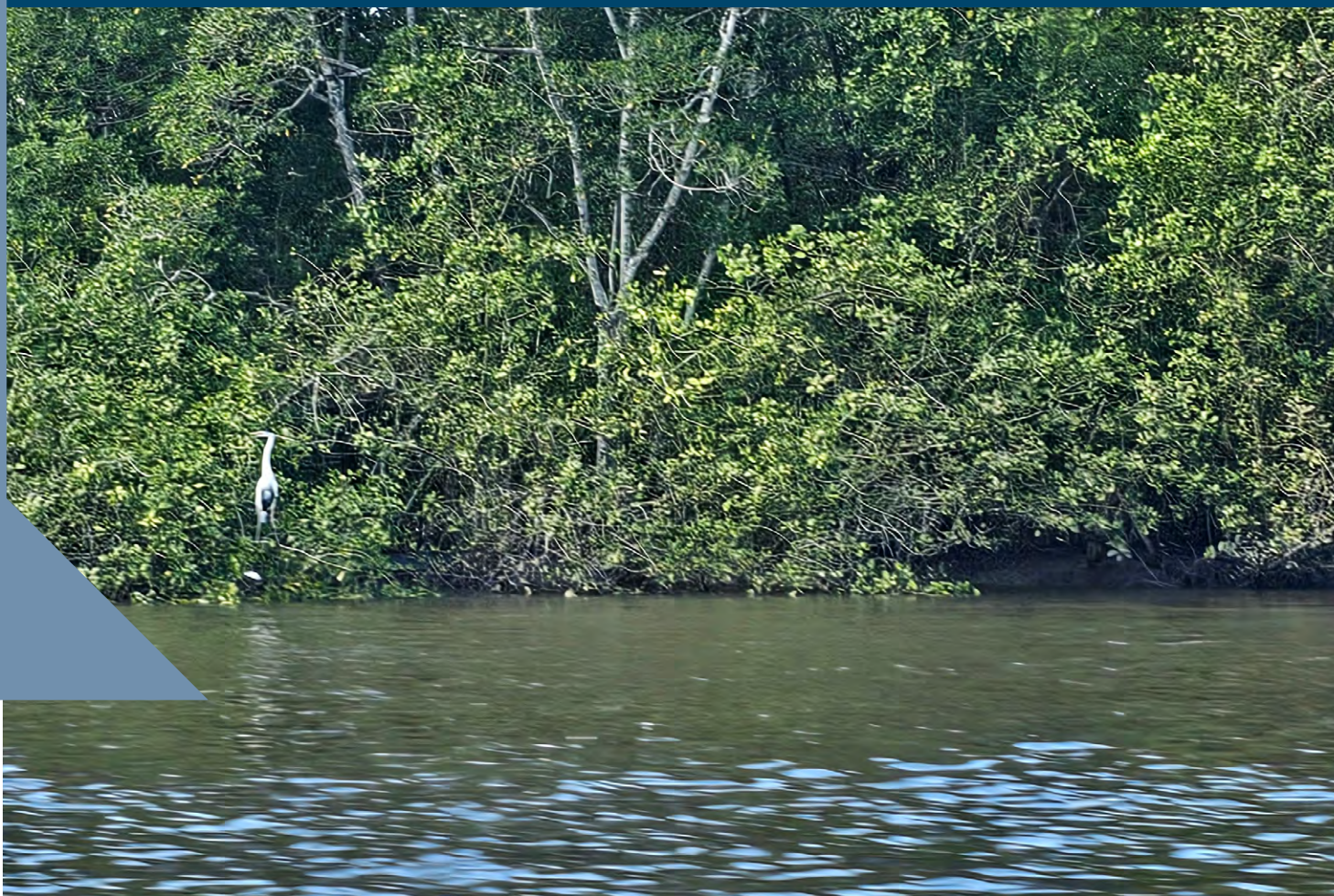
A Operação LimpaOca vai além de uma ação de limpeza: é uma experiência de educação ambiental na prática, que alia conservação, saúde, geração de renda e protagonismo social. Ao devolver vida aos manguezais, devolve também dignidade e esperança às comunidades costeiras que deles dependem.

*A Operação LimpaOca é uma
experiência de educação ambiental
na prática, que alia conservação,
saúde, geração de renda e
protagonismo social.*





7 Fortalecimento da REDAGUA – contribuições dos Nós da Rede



O Projeto Guapiaçu passou a integrar a REDAGUA a partir de seu terceiro contrato com a Petrobras (Guapiaçu III), alinhando suas ações às diretrizes da Rede. Desde então, consolidou-se como elo estruturante, com forte atuação técnica, institucional e territorial na porção leste da Região Hidrográfica da Baía de Guanabara. Essa contribuição ficou evidente já nos primeiros anos, com a liderança de momentos estratégicos, como o I Workshop de Planejamento Estratégico da REDAGUA, o II Workshop Científico da REDAGUA, o curta-metragem Da Serra ao Mar e o livro fotográfico Da Nascente ao Mar, além da participação ativa nas demais atividades articuladas da Rede.

Em outubro de 2022, com a assinatura do Guapiaçu IV, novas ações foram direcionadas ao fortalecimento da REDAGUA. O projeto assumiu iniciativas próprias e participou de outras promovidas pela Rede, como o 1º Seminário de Educação Ambiental, em que a coordenadora Tatiana Horta atuou como facilitadora; o 1º Workshop Terra Água Vida, com a coordenadora Gabriela Viana debatendo a importância da restauração de ecossistemas; e o 1º Clean Up Bay, realizado na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo, com mobilização da equipe local.

A contribuição também se estendeu ao funcionamento interno da REDAGUA, com participação em reuniões operacionais com a Petrobras, construção de planos de trabalho e integração ao Grupo de Trabalho de Comunicação. Em 2023, a Rede avançou significativamente em sua estratégia de comunicação e mobilização social. Entre os destaques, esteve a abertura de um novo ponto de ação de limpeza em rios, no Rio Macacu, ampliando o alcance territorial e reforçando o compromisso com a saúde dos mananciais que alimentam a Baía de Guanabara.

A comunicação digital ganhou protagonismo. Foram produzidos diversos conteúdos para redes sociais, publicados de forma colaborativa nos perfis dos projetos integrantes, que juntos alcançaram mais de 166 mil seguidores no Instagram, 330 mil no Facebook. A estratégia de postagens colaborativas (collab) ampliou alcance e engajamento. A diversidade temática — de mutirões de limpeza à celebração do aniversário da REDAGUA — refletiu-se em diferentes níveis de interação. Um exemplo foi a publicação sobre o Congresso Nacional de Manguezais, que alcançou 1.074 curtidas no Instagram. A atuação da assessoria de imprensa envolveu a produção estratégica de releases, gerando uma significativa presença espontânea em veículos de comunicação de diversas regiões do país.

*Em
outubro
de 2022,
com a assinatura
do Guapiaçu IV,
novas ações foram
direcionadas ao
fortalecimento da
REDAGUA.*



Entre os materiais educativos, destacou-se o jogo de tabuleiro gigante sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), criado pelo Projeto Guapiaçu e incorporado às atividades pedagógicas dos projetos da Rede. A ferramenta lúdica passou a ser utilizada por equipes de educação ambiental em oficinas, ampliando a aprendizagem participativa sobre sustentabilidade.

No eixo da Governança, a REDAGUA vem fortalecendo práticas colaborativas e relações horizontais entre projetos, patrocinador e sociedade. Todos os integrantes estão inseridos no Programa Petrobras Socioambiental (PPSA), com diretrizes voltadas para uma atuação coordenada, transversal e alinhada à Agenda 2030. Nesse contexto, o Projeto Guapiaçu destacou-se por ampliar sua incidência política e sua presença em espaços de governança territorial, incluindo o ingresso no Subcomitê Leste da Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara, reafirmando o compromisso com a gestão integrada dos recursos hídricos.

Em 2023 e em 2025, o Projeto liderou o 2º e 3º Workshop da REDAGUA, facilitado pela Vallie, que reuniu os quatro projetos parceiros da Petrobras em torno de um plano de ação, com base no Planejamento Estratégico REDAGUA 2024–2033. Foi também o único projeto da Rede a manter contrato ininterrupto com a Petrobras, o que possibilitou dedicar parte de sua equipe ao apoio direto na inte-

gração, no planejamento e no monitoramento estratégico da REDAGUA. Esse trabalho incluiu reuniões semanais de alinhamento, acompanhamento do plano de ação e elaboração dos relatórios.

No campo da comunicação, o projeto contribuiu para publicações nas redes sociais da REDAGUA, colaborou no mapeamento de materiais educativos e esteve presente de forma recorrente na mídia espontânea.



Eventos para mobilização e diálogo





Ao longo dos três anos de execução do Projeto Guapiaçu, foram realizados 95 eventos, que reuniram um público total de 16.465 pessoas. O objetivo central dessas ações foi divulgar as atividades e reforçar, junto à comunidade, a importância da conservação ambiental. As principais estratégias utilizadas foram a realização de palestras e a montagem de estandes informativos, que permitiram diálogo direto com moradores, estudantes, educadores e interessados em sustentabilidade. A receptividade foi expressiva: a curiosidade despertada nas atividades levou a um aumento na procura por informações sobre o projeto e suas frentes de atuação.

■ Eventos do Projeto Guapiaçu IV



Eventos por ano

2022/2023	2024	2025	Total
33	41	21	95



Participantes por ano

2022/2023	2024	2025	Total
7.012	7.933	1.520	16.465

A curiosidade despertada nas atividades levou a um aumento na procura por informações sobre o projeto e suas frentes de atuação.

■ Eventos em destaque

Inauguração de placas interpretativas e sinalizadoras no Parque Estadual dos Três Picos

Em setembro de 2023, o Projeto Guapiaçu, em parceria com o INEA e a Prefeitura de Cachoeiras de Macacu, inaugurou placas interpretativas e sinalizadoras no Núcleo Jequitibá do Parque Estadual dos Três Picos, fortalecendo a experiência educativa dos visitantes.

Mostra do documentário do Discovery e lançamento da curta “Dia a dia do monitoramento de recursos hídricos”

Em janeiro de 2024, o projeto exibiu o segundo episódio da série SOLO, do Discovery Brasil, que retratou uma jovem fotógrafa da Rocinha em visita às atividades de reflorestamento e monitoramento em Cachoeiras de Macacu. Na mesma ocasião, foi lançado o curta produzido por monitores ambientais do Programa de Monitoramento de Recursos Hídricos, registrando o cotidiano das coletas nos rios.

Inauguração da trilha sensorial e de placas interpretativas na APA Macacu – Parque da Cidade

Em maio de 2024, em parceria com o INEA, a APA Macacu e a Casa do Autismo, o projeto inaugurou placas interpretativas e uma trilha





sensorial na área protegida, criada para estimular os cinco sentidos dos visitantes. A ação ampliou a conexão com a natureza, tornando a experiência mais acessível e inclusiva.

Exposição fotográfica do Projeto Guapiaçu

Também em maio de 2024, foi inaugurada no Cawel (Casa de Arte Wellington Lyra), em Cachoeiras de Macacu, uma exposição de fotografias que percorreu, em imagens, as ações do projeto da serra até a Baía de Guanabara.

Seminário de Educação e inauguração das placas no Mirante Elias Farhat

Em agosto de 2024, a pedido da Escola Municipal Engenheiro Elias Farhat, em São José da Boa Morte, o projeto sinalizou a trilha do mirante com placas educativas. A inauguração ocorreu durante seminário de educação promovido pela escola, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e a Prefeitura.

I Congresso Estadual Florestal do Rio de Janeiro (CEFLOR) e VII Encontro Fluminense de Arborização Urbana (EFAU)

Em novembro de 2024, o Projeto Guapiaçu participou do CEFLOR e do EFAU, realizados no Cawel. Foram quatro dias de programação com palestras, minicursos e stands informativos.

III Seminário do Programa de Monitoramento de Recursos Hídricos (PMRH)

Em junho de 2025, foi realizado o III Seminário do PMRH no CIEP 479 Dr. Mário Simão Assaf, em Cachoeiras de Macacu. O encontro reuniu monitores ambientais locais e estudantes do Instituto Federal Fluminense (IFF), campus Maricá, e apresentou os resultados da quarta edição do monitoramento dos rios.

O 26º ENCOB - Encontro Nacional de Comitês de Bacias Hidrográficas

Em setembro de 2025 o projeto Guapiaçu participou do ENCOB, na cidade de Vitória, no Espírito Santo, o evento foi realizado pelo Fórum Nacional de Comitês de Bacias Hidrográficas - FNCBH, em parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo e reuniu representantes dos comitês de bacias hidrográficas de todo o país, gestores públicos, usuários da água, sociedade civil, academia e demais atores comprometidos com a gestão participativa das águas.

Aniversário de um ano do Complexo de Energias Boaventura

A pedido do gerente geral, Cândido Luiz Queiroz da Silva, o projeto Guapiaçu participou da comemoração do aniversário de um ano do complexo de energias Boaventura. O evento aconteceu em setembro de 2025 e contou com a participação de outros projetos da REDAGUA.





Expediente

REVISÃO

Equipe do Instituto de Ação Socioambiental
Dupla Solução - Célia Abend e Daniela Matta

FOTOS

Equipe do Instituto de Ação Socioambiental,
João Pedro Stutz, Reginaldo Honorato, Rodrigo
Campanário, Tatiana Horta e Nathalie Horta

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

CONTICOM Comunicação Integrada



institutoasa.org



[@asa_socioambiental](https://www.instagram.com/asa_socioambiental)



[@asasocioambiental](https://www.facebook.com/asasocioambiental)



projetoguapiacu.org



[projetoguapiacu](https://www.instagram.com/projetoguapiacu)



[projetoguapiacu](https://www.facebook.com/projetoguapiacu)

REALIZAÇÃO



PARCERIA



PETROBRAS

